

PROCESSOS DE REDUÇÃO LINGUÍSTICA EM DOCUMENTOS DE TOMBO DOS SÉCULOS XIX E XX DE MOSSORÓ-RN: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA¹

Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças (IFRN/FMC)

Email: ang-thi@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho trata de um dos fenômenos bastante comum da escrita dos manuscritos dos séculos passados; a abreviação sob o olhar das Tradições Discursivas e da linguística do texto. Para a análise de dados, foi montado um corpus coletado na Igreja Matriz da cidade de Mossoró-RN, composto por vários livros de Tombo, dos quais analisou-se o primeiro, que corresponde ao período do século XIX. Como base teórica utilizou-se Coseriu (1979), Oesterreicher (2002), Kabatek (2006), a análise foi feita sob a teoria das Tradições Discursivas e da linguística textual nas quais se considera que todos os textos são produzidos tendo em base um texto já existente e características do modelo podem ser preservadas ou não dependendo da necessidade do autor ou do momento. Esse estudo nasceu da necessidade de traçar um perfil da escrita dos séculos XIX e XX da cidade de Mossoró. Dos resultados podemos apontar que a escrita dos livros de toambo reflete o contexto histórico em que a ortografia não seguia um padrão. Com isso a escrita baseava-se na tradição dos modelos portugueses, o que de certa forma, fez com que as abreviaturas permanecessem ao longo de muito tempo nos textos da época colonial.

PALAVRAS CHAVE: Tradição Discursiva; abreviação; Livro de toambo; sec. XIX.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No estudo das línguas, é sabido que a mudança é uma das principais preocupações dos linguistas, tanto na escrita quanto na oralidade, sendo que nesta, a mudança acontece mais rapidamente que naquela (FARACO, 2005). Para estudar a mudança, os especialistas na área desenvolveram conceitos, os quais constituem linhas de estudo bastante específicas, foram sistematizando esses conhecimentos até chegarem a teorias complexas e mais modernas.

No estruturalismo, o aspecto sincrônico da linguagem foi priorizado em detrimento do diacrônico e só com Coseriu (1979), com Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística, os estudos histórico-diacrônicos passaram a reter mais atenção dos estudiosos.

Diferentemente de Saussure, Coseriu, para estudar a língua, decide estudá-la sobre três ângulos diferentes. Ele afirma que a língua está dividida nos níveis universal, particular e histórico. No nível universal a língua é vista como uma característica inerente ao homem,

¹ Este trabalho é um resumo da dissertação de mestrado apresentada ao PROLING/UFPB sob orientação da professora Maria Cristina de Assis Pinto Fonseca, defendida em 2011.

como um feito antropológico, já no nível particular a língua é vista como uma atividade individual e no nível histórico como uma língua historicamente determinada. No nível histórico, encontra-se um desdobramento do qual nasce o conceito de Tradições Discursivas, as TD's, teoria da linguística românica recente. O conceito nasce principalmente com os trabalhos de Oesterreicher (1997) e Koch(1997). Koch postula uma duplicação do nível histórico, neste nível tem-se a história de uma língua, que se determina ao longo do tempo e a história dos textos. Na história dos textos, com a ajuda da linguística textual pode-se traçar os perfis dos textos, as TDs seriam então uma forma de manifestação que ocorre repetidas vezes ao longo do tempo como uma estrutura fixa e que pode ou não fazer referência ao texto original.

Esse modelo tem como princípio a evocação, repetições sistemáticas que aparecem em eventos comunicativos. Baseamo-nos nesta teoria das Tradições Discursivas, na história dos textos, dos gêneros textuais e da linguística histórica para construir nosso trabalho. Certos de que a mudança é contínua e acontece desde sempre em todas as línguas naturais, focaremos nosso trabalho nas particularidades do texto que no caso do nosso corpus se manifesta através da abreviação linguística.

No nosso estudo, feito em livros de tombo dos séculos XIX e XX, verificamos várias ocorrências de um fenômeno bastante usual na língua escrita formal colonial: a abreviação. Sentimo-nos ávidos por entender o funcionamento desse fenômeno, verificar se é uma Tradição Discursiva, bem como descrever seu uso.

O fato de serem textos formais, escritos por pessoas que provavelmente possuíam o domínio da língua culta, desperta atenção e nos faz querer entender se as abreviações são características do estilo formal da época. Porque elas aparecem mais no século XIX que no século XX, estão relacionadas ao tipo ou gênero textual, faz parte de alguma tradição discursiva e qual? Tem relação com o tamanho da palavra, ou com o espaço destinado a escrever?

O objetivo geral do trabalho é analisar as abreviações nos documentos de tombo da cidade de Mossoró verificando se é ou faz parte de uma Tradição Discursiva determinada e qual é. Especificamente pretendemos: a) Categorizar os gêneros presentes nos documentos; b) Analisar as ocorrências das reduções nos documentos históricos, relacioná-las com as variáveis sócio-interativas e aos gêneros ou tipos textuais; c) Descobrir os princípios regedores das abreviaturas; d) Observar as tradições discursivas presentes no livro de tombo e relacionar essas tradições ao uso ou não das abreviações.

O corpus em análise faz parte do Projeto Sócio-História do Português Brasileiro em Mossoró. Visitamos a Igreja Matriz da cidade e por não haver condições de manusear os documentos, fotografamos os livros de tomo, que estão dispostos da seguinte forma: 5 livros de Tombo que vão de 1855 a 1954.

Para a análise utilizamos apenas o livro de tomo 1. Na transcrição preservamos a forma estrutural dos textos, de acordo com noções filológicas de Fonseca (2005).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diferentemente da dicotomia saussuriana língua e fala, em que se considera a primeira como parte social da linguagem e a segunda, a parte individual, Coseriu definiu três aspectos da linguagem como atividade propriamente dita, ou “três maneiras de considerar a mesma realidade”(COSERIU, 1979, p. 212). Ele partiu da definição aristotélica de que uma atividade pode ser considerada a) como tal, b) como atividade em potência e c) como atividade realizada em seus produtos. Essas três maneiras de se ver a mesma realidade referem-se à língua que é vista sob três perspectivas pelo lingüista: a perspectiva universal, a histórica e a individual.

O falar enquanto característica *universal* seria o falar como feito antropológico, uma atividade natural e pertencente ao homem.

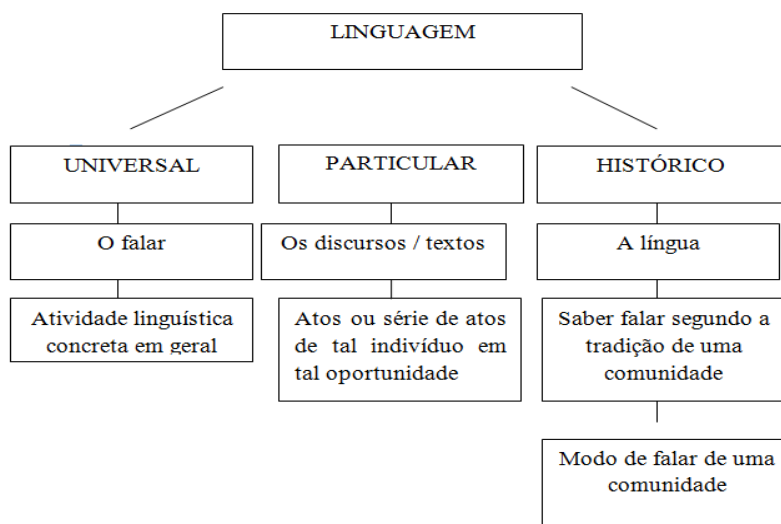
No nível *histórico*, se configura como uma língua em específico de uma determinada comunidade, que tem uma autenticidade própria como por exemplo, a língua inglesa, portuguesa, a espanhola (KOCH, 2008, p. 53), “consiste na língua enquanto acervo idiomático, ou seja, saber falar segundo uma tradição de uma determinada comunidade” (FONSECA, 2005, p. 51), é a língua concreta, “o modo como o falante se refere ao mundo, como faz referência a objetos e estados de coisas, que usos faz de objetos de saber linguístico e saber não linguístico e como, ao contrário, subsume a multiplicidade dos objetos”, (SCHLIEBEN-LANGE, 1993). No nível *particular* ou *individual*, é a língua considerada como um ato linguístico, o discurso (o ato ou a série de atos), de um indivíduo determinado em determinada situação (COSERIU, 1981, P. 272).

E como afirma o próprio Coseriu (1979), “são três formas de enxergar a mesma realidade”, percebe-se que estes três ângulos são, de certa forma, independentes uns dos outros. Fonseca (2005, p. 52) considera a linguagem uma atividade complexa que se desenvolve simultaneamente nesses três níveis:

O nível universal do falar em geral, o nível histórico das línguas e o nível particular dos discursos – as normas intrínsecas são também muito complexas. São seguidas intuitivamente pelos falantes e intuitivamente aplicadas como critérios de juízos sobre o falar pelos ouvintes.

O quadro com a divisão dos níveis de linguagem defendidos por Coseriu e apresentado por Fonseca (idem) mostra essa realidade:

Quadro 1- Níveis linguísticos



Resumidamente apresentamos aqui os níveis sugeridos por Coseriu para a análise linguística, que posteriormente foram usados por outros autores da área, como por exemplo, Oesterreicher (1994, 1996, 1999), Stoll (1996), Schlieben-Lange (1993).

Schlieben-Lange (1993, p. 18) discute os métodos de análise, começando por questionamentos a respeito da atividade da fala e de suas normas, sobre a qual afirma:

Afinal, o que fazemos quando falamos? Que diferentes tipos de atividades realizamos ao falar? Primeiramente, o falar, em acepção muito genérica, é sempre um falar com os outros sobre o mundo. Dominamos, enquanto falantes, determinadas técnicas gerais do falar que, uma vez aprendidas na aquisição da primeira língua, podemos empregar em todas as outras línguas.

Para a autora, podemos mostrar ou indicar algo, ou algum objeto, podemos nos referir ao que já foi dito antes e até mesmo antecipar o que será dito. Ainda, supomos a existência de um saber, de certa forma, partilhado sobre o mundo, de forma que o outro saiba exatamente sobre o quê estamos falando. Ela defende ainda que possuímos muitas outras técnicas do falar além das citadas anteriormente e essas técnicas nos permitem comunicarmos com outras pessoas de uma mesma língua, em cada língua histórica. Além disso, falamos em forma de textos em situações históricas determinadas e orientadas para uma determinada finalidade;

assim, a fala merece um esquema que deva tratar dessas técnicas, esquema este embasado nas considerações de Coseriu acerca do tema (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 18).

O ESTUDO DAS VARIEDADES

Neste trabalho também verificaram-se elementos variáveis e de acordo com Fernández (1998), o conceito de variedade é de difícil classificação, o qual ele afirma ser uma manifestação do fenômeno da linguagem, sendo dessa forma, natural. Assim:

“Uma variedade é um conjunto de padrões linguísticos suficientemente homogêneo para ser analisado mediante técnicas linguísticas de descrição sincrônica: tal conjunto seria formado por um repertório de elementos suficientemente extenso e poderia operar em todos os contextos normais de comunicação” (FERGUSON, Apud FERNADÉZ, Ibid.)²

Os sociolinguistas, no estudo das variedades, buscam estabelecer parâmetros para diferenciar por exemplo, *língua de dialetos*, *socioletos*, *estilo de registros*, tentam, de forma geral, descobrir que fatores, se pessoais, se profissionais, econômicos ou diferenças de gêneros, grau de instrução influenciam para que as variedades existam ou se acentuem mais.

Para relacionar essas variedades, sociolinguistas utilizam o conceito de variantes que seria uma espécie de flutuação do mesmo fenômeno. Junta-se a isso a “análise de fatores estruturais e sociais condicionantes; encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade; avaliação da variável, para a confirmação dos casos de variação ou mudança” Hora (2004).

No caso de nosso *corpus*, utilizaremos as variáveis sócio-interativas: gênero, estilo, a tipologia (condições de intimidade do leitor/autor), participantes, o propósito comunicativo (intenção do autor ao escrever o texto), o suporte (que no nosso caso é o papel) e algumas estruturais como extensão do texto, extensão do vocábulo e a classe de palavras a qual pertence o vocábulo;

Embora o número de variáveis seja maior que as utilizadas aqui, não é necessário para a nossa análise utilizar variáveis como *sexo*, já que os textos foram produzidos apenas por homens, pois trata-se da Igreja Católica, em cuja história teve apenas homens em cargos religiosos.

² Tradução livre: Uma variedade es un conjunto de patrones lingüísticos lo suficientemente homogêneo como para ser analisado mediante técnicas lingüísticas de descripción sincrônica; tal conjunto estaria formado por un repertório de elementos suficientemente extenso y podría operar em todos los contextos normales de comunicación.

Outra variável que não nos permite análise é *participantes*, pois o número de participantes é sempre o mesmo; leitor e o autor do texto.

Além de também não podermos analisar a variável estrutural *tonicidade da sílaba*.

As variáveis sociais como *faixa etária, grau de escolaridade, profissão e sexo* também não serão analisadas pois desconhecemos a maioria desses dados.

O NASCIMENTO DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS

Há algum tempo, já na linguística, vem sendo usado cada vez com mais frequência o conceito de Tradições Discursivas. Essa teoria nova surgiu na linguística românica e expandiram-se para outros centros de estudos linguísticos, principalmente nos estudos históricos da língua. No Brasil, temos como exemplo o Grupo de Trabalho do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB).

O conceito de TD nasce na Europa, mais precisamente na linguística alemã, baseada especialmente nas teorias coserianas, aceitas como fundamentais pela maioria dos romanistas alemães. Conforme citado anteriormente, Coseriu estuda a língua sob três ângulos diferentes; o nível universal, comum a todos os seres humanos, o falar como feito antropológico e como capacidade de representação do mundo através de signos linguísticos, o nível histórico, como língua historicamente marcada e que se atualiza no terceiro nível e o particular, caracteriza-se como textos ou discursos concretos.

A origem dos estudos que culminam com as TD encontra-se na linguística de texto e na pragmática quando o Brigitte Schlieben-Lange iniciou uma proposta de pragmática histórica, cuja ideia era relacionar a oralidade à escrituralidade. Peter Koch (1997), a partir dessa proposta redefine o esquema proposto por Coseriu e dele, junto com Wulf Oesterreicher (1997) trabalham na definição de TD.

Entretanto, as definições de TD parecem ainda não ter achado uma exatidão, pois ainda se estuda o que exatamente é uma Tradição Discursiva e a própria metodologia de análise não é clara, os conceitos muitas vezes são tomados de outras correntes como é o caso de correntes como Gramaticalização, Análise do Discurso e Análise de Conversação. Sobre as tradições discursivas Kabatek (apud. SIMÕES, 2009) propõe:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e

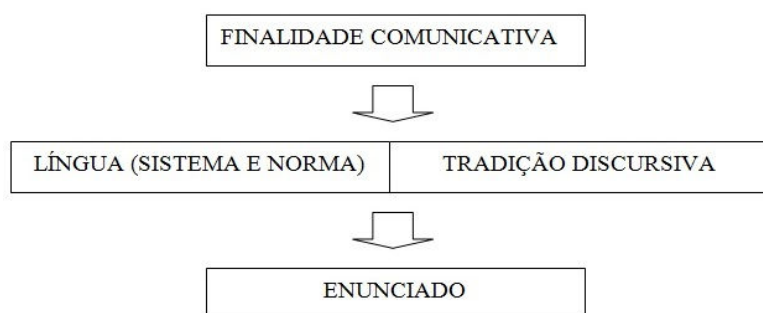
tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos lingüísticos empregados” (Kabatek, 2006:512, grifos nossos)³.

Assim, as TD marcam principalmente a relação temporal entre um texto ou uma determinada característica com outro texto ou a história desse texto. A TD é importante por que num estudo sobre mudança linguística, ela nos permite avaliar os processos de gramaticalização, de continuação ou descontinuação de evolução textual (KABATEK, 2001, p. 100).

Mesmo as TD sendo um aporte teórico que avalia a estrutura e as características de um determinado texto, elas não são equivalentes a gêneros textuais, pois ao analisar seu objeto de estudo, o texto, se utiliza de conceitos como *evocação*, *repetição*, *atualização* e *tradição*. E suas intenções não são apenas estudar os aspectos composicionais do texto, suas propriedades formais ou funcionais, mas também, observar de que forma uma língua específica é afetada pelas atualizações, inovações e se permanecem algumas tradições e quais, ajudando assim a traçar um panorama mais completo de uma mudança ou não. (SIMÕES, 2009, p. 3)

Dessa forma as TDs também estudam dentro de seu campo de estudo os gêneros como os conhecemos mas vai além ao delinear as características presentes em cada fase de um determinado texto. Para um texto ser uma Tradição Discursiva é necessário que ele seja antes de tudo, uma tradição. Que ao ser pronunciado ou lido instantaneamente o leitor saiba de que gênero se trata, quais a características como tipo, estilo, a linguagem.

Ante a consideração, a atividade do falar tem uma finalidade comunicativa exata e atravessa dois filtros concomitantes até chegar ao ato comunicativo; o primeiro filtro corresponde à língua; o segundo corresponde às Tradições Discursivas:



³ Tradução SIMÕES (2009) do original em alemão: “Man muss die Sprache nicht sowohl wie ein todes Erzeugtes, sondern weit mehr wie eine Erzeugung ansehen (...). Sie selbst ist kein Werk (*Ergon*), sondern eine Thätigkeit (*Energia*). Ihre wahre Definition kann nur daher eine genetische sein. Sie ist nämlich die sich ewig wiederholende *Arbeit des Geistes*, den *articulirten Laut* zum Ausdruck des *Gedanken* fähig zu machen” (Humboldt, 1963 [1836]:416-418).

Consoante exemplo de Kabatek (2006), quando se encontra uma pessoa na rua e se tem a finalidade de saudá-la, encontra-se essa resposta não apenas no léxico e na gramática do português do tipo “Oi, emito uma saudação para você” mas na tradição estabelecida que nos manda dizer “bom dia”.

Segundo o mesmo autor, são Tradições Discursivas textos historicamente estabelecidos como a saudação, o agradecimento, a promessa e além dessas, as TD podem estar nos textos escritos, como os gêneros jurídicos, as atas, requerimentos e etc. Textos ligados a instituições.

CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

Nossa pesquisa foi iniciada no ano de 2007, quando ainda graduanda da UERN – Universidade do estado do Rio Grande do Norte - começamos a pesquisar a Sociohistória do Português brasileiro em Mossoró cujo interesse de um pequeno grupo de alunos e de um professor gerou o grupo PROSHIP coordenado pelo professor Ms. Gilson Chicon. Durante a pesquisa, buscamos documentos escritos de séculos anteriores que nos ajudassem a reconhecer as características da escrita mossoroense de séculos atrás e os documentos que estavam ao nosso alcance e dentro do perfil que procurávamos eram os da catedral de Santa Luzia, que foi marco do início da cidade. Como já foi citado, é um *corpus* com vários documentos e bastantes variados no que diz respeito à escrita.

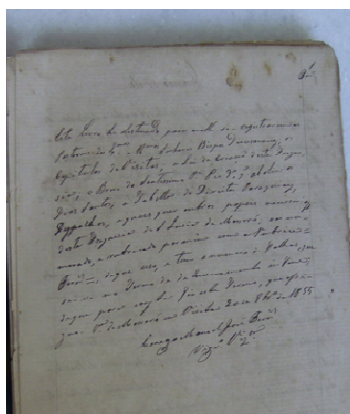


Imagem do livro de Tombo

Era preciso estudar sobre a história da cidade, sua fundação, os principais pontos pelos quais começou a se desenvolver e graças à Fundação Vingt-un Rosado⁴ obtivemos um material sumário sobre a história de Mossoró.

⁴ Fundação Vingt-un Rosado é uma entidade que leva o nome de seu fundador e que é responsável pela coleção Mossoroense de livros, que segundo alguns estudiosos é a editora que mais lançou livros sobre a seca no

Os primeiros escritos do livro de toambo são do Vigário Pe. Antônio Joaquim Rodrigues que foi vigário geral de 1844 a 1894, (ROSADO, 2006, p. 123) e datam de 1855, quase cem anos após a fundação do lugarejo que daria origem à cidade de Mossoró. O Vigário atuou numa época em que os caminhos religiosos se confundiam com os políticos e exerceu vários cargos públicos, foi deputado muitos anos consecutivos por mais de uma legislatura (BRITO, 2003, p. 62), foi o responsável pela elevação de Mossoró a vila e depois à cidade, criou órgãos como a comarca da cidade, apoiou o movimento abolicionista em 1883⁵, além de ter sido precursor no projeto da estrada de ferro da cidade, embora o projeto só tenha começado após sua morte que aconteceu em 1894 (ROSADO, 2006, p.192).

O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS LIVROS DE TOMBO

Segundo Coseriu (1979, p. 236), deve-se contextualizar o meio de produção do texto que se proponha a analisar, isto por que “explicar uma obra significa antes de mais nada, reconstruir seus entornos” de forma que sejam explicitadas as relações sociais da época, características do produtor do texto e do próprio texto.

A cidade de Mossoró foi fundada oficialmente em 1772, data da construção da Capela de Santa Luzia por Antonio de Souza Machado, que foi nomeado Sargento-mor pelo Governo da Capitania do Ceará – Grande e conforme afirma Cascudo (2001):

Até meados desse século (XVIII) a população Ribeira de Mossoró fora muito limitada, constando apenas criadores, vaqueiros, procuradores das respectivas fazendas, que segundo a tradição de seus proprietários eram todos moradores fora, como bem fossem em Pernambuco, Paraíba [...] Com certeza fora depois de 1750, que se mudara de São Bernardo das Russas, com sua família para a Barra de Mossoró (Grossos), o Sargento-mor Antonio de Souza Machado, proprietário da fazenda “Santa Luzia” da mesma Ribeira. Esse simpático e honrado português internava todos os anos naquela fazenda e no fim rebanhava os gados da mesma para fazer carneação um pouco abaixo de Grossos na “Ilha das Oficinas”, onde ainda hoje existem vestígios disso. A fazenda “Santa Luzia”, situada muito perto da margem esquerda do rio Mossoró e ao mesmo tempo da Mara, tendo entre este e o Rio uma lagoa, bem como água potável, era o ponto os adventícios escolhiam para residirem. (Grifo nosso, pag. 19)

Dessa forma, o pequeno povoado, com a economia estritamente rural com ênfase à pecuária, foi se desenvolvendo e em 1838 o pensamento do arraial era transformar a pequena

Nordeste, inclusive que datam do século XIX, são mais de 700 títulos dedicados à seca. Para mais informações a respeito consultar o site: <http://www.colecaomossoroense.hpg.ig.com.br>.

⁵ Existem documentos em Mossoró que afirmam que o movimento abolicionista e abolição em Mossoró ocorreu antes da promulgação da lei Áurea pela princesa Isabel, ver coleção mossoroense.

capela numa Matriz, o interesse era além de autonomia religiosa a valorização social das terras. O título de Freguesia só mereciam as populações que justificassem uma produção elevada, um nível de vida bastante estável, Cascudo (2001). E no ano de 1842 o presidente da província do Rio Grande do Norte, D. Manuel d'Assis Mascarenhas, apresenta a Resolução n. 87, de 27 de outubro que eleva a capela e a comunidade à Freguesia, a vigésima freguesia da província e a décima no século XIX:

Art. 1º - Fica desmembrada da Freguesia do Apudi, e elevada à Categoria de Matriz a Filial Capela de S. Luzia de Mossoró, conservando a mesma Fabrica, e Guizamento, que a Matriz é desmembrada (CASCUDO 2001, p. 38).

A partir de 1844 toma a frente da capela e conduz a Freguesia de Santa Luzia o Padre Antônio Joaquim Rodrigues, que coordenou os trabalhos da igreja até 1894, ano de sua morte. Justamente a época em que concentramos nossas observações aos documentos. Antonio Joaquim, como era mais conhecido, era natural de Aracati- CE, mas era descendente de uma importante família de Apodi - RN.

O padre fez muitas obras na cidade, criou a comarca, apoiou o movimento abolicionista, criou a irmandade de Santa Luzia, com ele os missionários freqüentaram mais a cidade, atuou inclusive na política fundando o partido Conservador. Foi deputado na Assembléia Provincial durante os anos 1854-1855, 1856-1857, 1858-1859, 1866-1867, 1868-1869, 1870-1871, 1872-1873.

O vigário Joaquim teve muita importância em todos os âmbitos da sociedade, foi influente na política, apoiando movimentos em defesa de direitos do povo inclusive movimentos abolicionistas. Enquanto isso, a cidade se desenvolvia, a igreja, com a representação de Pe. Vigário Joaquim era presente e atuante na vida da população.

Considerando que se trata de um trabalho de abordagem histórica, fizemos essa pequena contextualização para compreendermos o tempo, a situação e o contexto em que o nosso corpus foi composto a fim de fazermos uma análise mais completa.

RESULTADOS

Pôde-se perceber que essa escrita, assim como a maioria das outras já analisadas por diversos estudiosos, reflete as condições da época colonial em que os modelos seguidos eram os modelos de Portugal, o qual não tinha um modelo ortográfico fixo. Assim como Portugal, no Brasil também não existia um acordo ortográfico próprio e que a escrita nesse momento

era baseada na escrita portuguesa, com uma história dos textos já arraigada pela tradição. Demonstra também uma preocupação em segui-los, pois era a norma padrão na época.

Entretanto, a flutuação existente entre a escrita de uma ou outra letra de palavras iguais grafadas de forma diferentes revela uma incerteza provavelmente decorrente de falta de conhecimento da forma. E embora os sacerdotes sejam pessoas que tiveram acesso à escrita, essa variação revela que mesmo a norma existente não estava tão definida quanto se pensa. A falta de acentuação e a oscilação da forma do til revelam ainda a falta de sistematização da escrita na época, assim como a separação silábica sem uma regra específica.

O uso do til também é variado, ora ele é usado apenas para marcar a nasalidade, ora é usado acima da vogal antecessora do *m* para marcar a abreviação da letra, em palavras como *algu~a*, *hu~a*. Essa forma

Essa escrita reflete o momento histórico em que não se tinha um padrão brasileiro a seguir e totalmente embasado na escrita portuguesa, porém, com as variações mostradas ao longo do trabalho decorrente da falta de uma regra fixa para a ortografia.

Como exposto no início do trabalho, os textos seguem a tradição portuguesa, os modelos eram seguidos e havia pouca inovação na escrita dos sacerdotes de Mossoró no século XIX, além de ser verificada a influência ibérica em relação aos grupos *ch*, *rh*, *ph* não sendo encontrado no *corpus* o grupo *th*.

As abreviações encontradas nesses textos não ocorriam pela falta de espaço ou por economia de papel como dito em trabalhos de Silva (2005) e como afirma a literatura sobre o assunto, nesse caso, as abreviaturas eram um dos aspectos constituintes das TD dos manuscritos do século XIX.

Abreviar era esteticamente mais bonito e deixava o texto com um ar de requinte, pois conforme mostrado na análise, palavras extensas eram abreviadas de apenas duas letras como *inicialm.^{te}*, *relativam.^{te}*, *acabam.^{to}*, e etc. de forma que não havia grande economia nas abreviações, além de que, palavras pouco extensas como a preposição *por* também eram abreviadas economizando apenas uma letra *p^f*.

Pode-se afirmar ainda que os textos mais longos mais trabalhados, como os termos de visita, em que se nota uma caligrafia mais desenhada, apresenta mais abreviações que os textos mais curtos e com a escrita pouco desenhada, como é o caso da circular, o que pode demonstrar rapidez em sua execução, outro argumento que reforça a tese de que as abreviaturas não eram usadas por economia ou por rapidez, como é o caso da escrita moderna nos *chats*, *Messenger*, *fóruns* e *SMS*, e sim por beleza e por tradição que era largamente seguida no século XIX.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Vera Lucia Costa. A escrita no Brasil Colônia: Um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife , PE. Editora Universitária. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. 1994.
- BRITO, Raimundo Soares. Ruas e Patronos de Mossoró (Dicionário). Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2003. Coleção Mossoroense. Série J, v. 01.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Notas e documentos para a história de Mossoró. Mossoró, RN. Fundação Vingt-un Rosado: Coleção Mossoroense, 2001. Série c. Vol. 1207.
- FARACO, Carlos Alberto. Linguística histórica. São Paulo: Ática, 1991.
- FERNANDÉZ, Francisco Moreno. *Principios de Sociolingüística y Sociología Del lenguaje*. Barcelona: Ariel Linguística, 1998.
- FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. *A escrita oficial: manuscritos paraibanos dos séculos XVIII e XIX*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.
- HORA, Dermeval da. *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria, RS: Palloti, 2004.
- KABATEK, Johannes. Como investigar las tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: Lengua Medieval y tradiciones Discursivas em La Peninsula Ibérica. Frankfurt am Main: Vervuert, Madrid: Iberoamericana, 2001. P. 97-132.
- _____. “Tradições discursivas e mudança lingüística”. In: Tânia Lobo et al. (org.). Para a História do Português Brasileiro VI, Salvador: EDUFBA, 2006.
- KOCH, Peter. “Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: El ejemplo Del tratamiento vuestra merced em español”. In: Johannes Kabatek (Ed.). Sintaxis histórica Del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiociones Discursivas. Madrid : Iberoamericana,2008. p.53-88.
- OSAKABE, Haqira. O mundo da escrita. In: Leituras no Brasil. ABREU, Márcia (org.) Campinas- SP: Mercado das Letras, 1995.
- OESTERREICHER, Wulf. Autonomización Del texto y recontextualizacion. Dos problemas fundamentales de lãs ciências de texto. Mimeo, 1999.
- PESSOA, Marlos de Barros. Transformação da Tradição Discursiva “requerimento”: séculos XVIII e XX. In: Para a história do Português Brasileiro: Volume VI
- ROSADO, Vingt-un. *Mossoró* 2.ed..Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2006. 240 p. Coleção Mossoroense. Série c; v. 1521.
- SIMÕES, José da Silva. *Mudança Lingüística e Gêneros textuais*. Universidade de São Paulo.